

FORÇA, RESPEITO, RESISTÊNCIA E SIMPLICIDADE DE UM POVOADO INDÍGENA CHAMADO KIRIRI

Strength, respect, resistance and simplicity of an indigenous people called kiriri

Fortaleza, respeto, resistencia y simplicidad de un pueblo indígena llamado kiriri

Josenaide Engracia dos Santos

<https://orcid.org/0000-0002-7712-8470>

Universidade de Brasília - UnB, Distrito Federal, DF, Brasil.

Doralice Oliveira Gomes

<https://orcid.org/0009-0001-9687-4647>

Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal.

Cristian da Cruz Silva

<https://orcid.org/0000-0002-7509-3956>

Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal.

Daniela da Silva Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0001-7391-1794>

Universidade de Brasília - UnB, Distrito Federal, DF, Brasil.

Resumo:

Objetivo: Relatar a experiência cotidiana de saberes tradicionais e práticas de autocuidado de uma comunidade indígena. **Síntese dos elementos de estudo:** Registra a celebração dos indígenas em uma aldeia Sacão, Saco dos Morcegos em Banzaê, localizada no sertão da Bahia, presenciada pelos membros do Observatório de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde da Universidade de Brasília, no mês de abril de 2024. **Conclusão:** A expressão imagética articulada com as observações *in loco* fornece uma riqueza de informação que possibilita entender que a harmonia dessa comunidade está em todo o seu território, com seus saberes, tradições e cultura.

Palavras-chave: Povos Indígenas. Observatório de Saúde, Cultura, Terapia Ocupacional

Abstract:

Objective: To report the daily experience of traditional knowledge and self-care practices of an indigenous community. **Summary of study elements:** this study records the celebration of indigenous people in a Sacão village, Saco dos Morcegos in Banzaê, located in the hinterland of Bahia, witnessed by members of the Observatory of Integrative and Complementary Health Practices of the University of Brasília, in April 2024. **Conclusion:** The imagery articulated with the on-site observations provides a wealth of information that makes it possible to understand that the harmony of this community is in all its territory, with its knowledge, traditions and culture.

Keywords: Indigenous Peoples. Health Observatory. Culture, Occupational Therapy

Resumen:

Objetivo: Relatar la experiencia cotidiana de los conocimientos tradicionales y las prácticas de autocuidado de una comunidad indígena. **Resumen de elementos del estudio:** Registra la celebración de los pueblos indígenas en una aldea de Sacão, Saco dos Morcegos en Banzaê, ubicada en el interior de Bahía, presenciada por miembros del Observatorio de Prácticas Integrativas y Complementarias de Salud de la Universidad de Brasília, en abril de 2024. **Conclusión:** Las imágenes articuladas con las observaciones *in situ* aportan un caudal de información que permite comprender que la armonía de esta comunidad está en todo su territorio, con sus conocimientos, tradiciones y cultura.

Palabras clave: Pueblos Indígenas. Observatorio de la Salud, Cultura, Terapia Ocupacional

Como citar:

Santos, J. E.; Gomes, D. O.; Cristian da Cruz Silva, C. C.; Rodrigues, D. S. (2025). Força, respeito, resistência e simplicidade de um povoado indígena chamado kiriri. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3180 – 3187. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto64494

Etnicidade do povoado indígena Kiriri

Buscou-se retratar o cotidiano da comunidade indígena Kiriri, capturada a partir de uma visita técnica dos membros do Observatório de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde da Universidade de Brasília - BrasíliaPICS na aldeia Sacão, Saco dos Morcegos, em Banzaê, no estado da Bahia, com a finalidade de atender a um convite para participar das atividades de celebração da aldeia, o Toré, que se trata de um rito composto por canções e cantos sagrados, com danças em espiral ritmadas, envolvendo arte e fogo, que evocam os encantados (ancestrais) para pedir permissão para o uso da terra, conselhos, orientações.

Essa visita técnica também teve como premissa realizar rodas de conversa sobre práticas integrativas e de autocuidado, tradições culturais e saberes tradicionais. Além disso, foram realizadas observações *in loco* e fotografias, as quais ilustram a descrição desta experiência, que ocorreu durante o mês de abril de 2024.

Para compreender e relatar a experiência dos povos indígenas, lançamos mão de uma referência de Doimo (1995), uma vez que as palavras, inclusive as científicas, têm poder enfeitiçante, pois apontam que, às vezes, é necessário recuperar os olhos virgens para ver as coisas como se fosse pela primeira vez. Nesse sentido, vamos relatar a referida visita técnica do ponto de vista dos profissionais de saúde para melhor entendimento da cena social, cultural e discursiva do contexto, na qual se tecem as experiências de aproximação com o território indígena.

Ressaltamos que esse mesmo território pode ser compreendido por outras perspectivas, podendo evidenciar outros fazeres profissionais relacionados à própria organização social da comunidade indígena, às questões culturais, sociais e espirituais, ao pertencimento, às hierarquias e questões de gênero impostas pelas lideranças, às necessidades de saúde e tantos outros aspectos inerentes a essa comunidade.

O município de Banzaê localiza-se no sertão baiano, pouco mais de 300 km da capital da Bahia, ocupando uma extensão territorial de aproximadamente 165.194 Km² e com população em torno de 11.958 habitantes, sendo 3.000 indígenas da comunidade dos Kiriris e mais oito comunidades indígenas na terra demarcada: Sacão, Cacimba Seca, Canta-Galo, Lagoa Grande, Baixa da Cangalha, Marcação, Picos e Tuxás, segundo o Censo Demográfico, de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). A Igreja do Senhor da Ascensão da aldeia de Mirandela definiu o marco zero do território indígena Kiriri e patrimônio histórico do município, tendo sido fundada pelos jesuítas no século XVIII na praça principal da aldeia.

A subsistência baseia-se na agricultura, em especial, com o plantio de mandioca, feijão, milho, além da caça (animais de pequeno porte e galinha). A história do povo Kiriri também pode ser encontrada no seu artesanato, tendo como matérias-primas o barro, tipo de argila utilizada para produzir cerâmica, e o fruto do licurizeiro, que é o coquinho de licuri, usando para fazer brincos, pulseiras, anéis (Andrade, 2020).



Figura 1. Igreja do Senhor da Ascensão.

Fonte: Acervo pessoal.

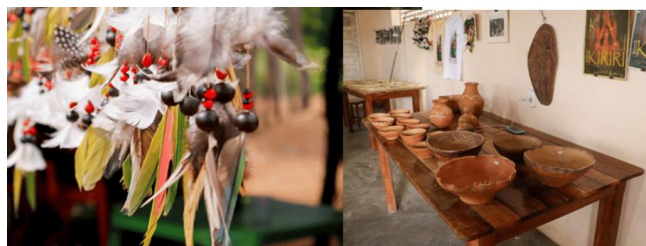


Figura 2. Artesanato feito com licuri. Cerâmica

Fonte: Acervo pessoal.

A língua originária do povo Kiriri é o kipeá. Os índios e pajés falantes e que dominavam essa língua nativa, em sua grande maioria, foram mortos nos confrontos por terras, sobretudo, na guerra de Canudos, Bahia, caracterizando um processo de perda linguística (Souza et al., 2020). Atualmente, mesmo entendendo a língua como traço cultural, histórico de um povo, os Kiriri falam apenas o português, embora utilizem esporadicamente alguns fragmentos do dialeto kipeá, da família linguística Kariri (Brasileiro, 2021).

Criando integração de saberes

Para iniciarmos a descrição dessa vivência, ressaltamos que o convite para estar em uma aldeia indígena chegou inesperadamente, caracterizando um momento de refletirmos e de nos ouvirmos sobre a possibilidade de tal experiência. O coração acelerou e as dúvidas e os questionamentos se ampliaram. Fazendo analogia ao texto publicado de Benevides e Vasconcelos (2001), coração é o órgão da coragem e portador dos sentimentos mais nobres. A equipe foi vencida pelo movimento da contração e relaxamento e fomos tomados pela ideia de atender à solicitação do convite. Em abril de 2024, fizemos a viagem à Banzaê, rumo à comunidade indígena do povo Kiriri.

Alçamos voo para além de nossas fronteiras buscando adentrar em um território sagrado do povoado indígena Kiriri. Pisar nesse solo sagrado exige muita consideração pelo outro, por sua história, suas lutas, suas conquistas, suas tradições. A terra em Banzaê é semiárida, o chão é batido, a água é escassa, o sol é escaldante, mas a vida pulsa nas aldeias indígenas pelo ritual do Toré.

Para os indígenas Kiriri, a liberdade de ser quem se deseja ser está intrinsecamente ligada às raízes culturais, históricas, sociais, que configura a identidade de um povo. A força Kiriri vem da cultura, da espiritualidade, dos encantados, dos rituais sagrados, das celebrações. É a (re)existência e a tradição de um povo presente em seu território, fortalecendo a conexão com os encantados, a retomada das terras e a preservação dessa etnia.

A possibilidade de captar os conceitos na aldeia dos Kiriri demandou dos profissionais da equipe do BrasíliaPICS lidar com dimensões que ultrapassam o biológico, que, inexoravelmente, estão ligadas à cultura, costumes, tradição e ao social. Tal reflexão foi imprescindível, pois afetou diretamente as formas de sociabilidade vivenciada no cenário da aldeia. Estivemos no espaço onde, no máximo, poderíamos apreender e, como diz Geertz (1983), ainda assim com bastante insegurança, pois nesse espaço, como o de aldeias para pessoas que dele não fazem parte, essas pessoas são consideradas espectadoras, ou seja, elas vivenciam a realidade de outrem. Fizemos um esforço incomum de não encaixar a cultura

deles dentro da nossa moldura. É preciso deixar de lado nossos conceitos, concepções para vivenciar uma experiência de forma ética e cuidadosa com os pés no chão.

Os povos Kiriri têm como orientação de vida um Deus chamado Tupã e, na natureza, a força e a simplicidade do conhecimento de saberes tradicionais que falam aos Pajés, Caciques, Conselheiros, Benzedeiros... O viver está expresso no olhar, na afetividade, no acolhimento, no amor, na esperança, no equilíbrio, no respeito pelo tempo, na sabedoria, nas relações, na união, na comunidade, elementos estes manifestados em seus rituais, celebrações e ritos sagrados.

Cada liderança de uma aldeia tem uma função específica. O Pajé é o responsável por orientações espirituais na aldeia; o Cacique tem a função de resolver os conflitos e problemas para preservar a harmonia na comunidade; e o Conselheiro é o representante de cada aldeia, cujo papel é aconselhar, orientar as famílias para participarem do trabalho na roça comunitária do povo Kiriri, por exemplo, visando ao bom convívio entre eles (Andrade, 2020).



Figura 3. Ritual do povo Kiriri.

Fonte: Acervo pessoal.

"Eu sou o índio guerreiro

Eu sou a essência da terra

Eu sou a mãe natureza

Minha aldeia Saco do Morcego"

No que se refere à saúde, os Kiriri possuem três unidades básicas de saúde (UBS) de baixa complexidade, que são vinculadas à Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), ligada ao Ministério da Saúde (MS) e pertencentes ao subsistema de atenção à saúde indígena. As UBS contam com uma equipe multidisciplinar de saúde indígena, a exemplo de uma agente de saúde indígena que tivemos a oportunidade de conhecer.

A aproximação com os indígenas fez-nos perceber que a visão saúde-doença para a comunidade indígena é distinta do padrão biomédico, ou seja, uma dor na região abdominal pode não ser apenas um mal-estar diagnosticado pelo médico, mas uma pedra na vesícula, na avaliação do Cacique e do Pajé, por exemplo. No universo dos Kiriris, temos os encantados, tidos não somente como seres dotados de poderes sobrenaturais, mas também como agentes políticos dotados de conhecimentos que eles sempre consultam (Rodrigues, 2023).

Portanto, faz-se necessário respeitar os saberes tradicionais desse povo, o que a Terapia Ocupacional enquanto campo de conhecimento respeita e considera. O diálogo entre Terapia Ocupacional e a cosmovisão dos povos indígenas permite compreender de que modo essa interlocução pode contribuir para o entendimento desse mundo. Entendendo suas complexidades, as dinâmicas e colaborar na

identificação das necessidades que afetam os indígenas e como eles ocupam e interagem no território. Isso pensando no bem viver dos indígenas com suas experiências de viver em harmonia com a natureza.

Os saberes tradicionais indígenas, para Lévi-Strauss (2008), é quando os indígenas elaboram e constroem refinadas operações lógicas voltadas para o âmbito das chamadas qualidades sensíveis, como cores, cheiros, tamanhos, sabores, texturas, etc. E constroem seus saberes, práticas e técnicas transmitidas pela riqueza e dinâmica próprias da transmissão oral (Silva, 2014).

Sem receio, sem medos e considerando a diversidade da experiência e seus saberes, estávamos de frente com um potencial de aprendizagem que, provavelmente, só poderíamos medir e avaliar posteriormente. Todavia, a experiência possibilitou partilha, coletividade e trocas calorosas, com muito respeito e cuidado.

Em um dos encontros com as lideranças locais indígenas foi colocado para a nossa equipe a ausência de trocas de conhecimento e integração de saberes entre os visitantes da aldeia e o seu povo. Com isso, pedimos uma autorização ao Cacique da aldeia Sacão, Saco dos Morcegos, que consultou o seu Pajé, para que um dos membros do Observatório BrasíliaPICS propusesse uma roda de conversa sobre práticas de autocuidado, tradições culturais e saberes tradicionais, que se configurou como uma roda de intenção à luz dos preceitos da Terapia Comunitária Integrativa (TCI), considerando as especificidades sociais, culturais e geográficas dos povos Kiriris.

A roda teve como premissa o sagrado, o comunitário, a sabedoria. A facilitadora da roda utilizou estratégias para valorizar e fortalecer a identidade cultural. Desde a sua organização, trazendo elementos culturais do próprio local, dispostos dentro do caracol (formato da dança do Toré) desenhado na terra, até a posição das lideranças da aldeia na roda. Ao lado da facilitadora, ficaram o Cacique, o Benzedeiro e o Pajé, nessa sequência. Essa configuração foi proposta para fortalecer entre os participantes o sentimento de pertencimento, e também pelo respeito às tradições, aos ritos, aos saberes tradicionais, à identidade cultural e à história. Primeiramente, cada liderança da comunidade indígena fez uma fala ou um rito.

No momento posterior, iniciamos a roda de conversa que, aos poucos, foi-se transformando em uma roda de intenções. Uma viagem ao caminho do coração de cada participante que compartilhava com aquele coletivo, de onde vinha a força de guerreiro para sua vida, e solicitava o apoio do grupo. A roda, esse círculo sagrado, possibilitou a materialização de valores como acolhimento, humildade, respeito e simplicidade. Percebemos o quanto a natureza traz força e resistência para o povo Kiriri, na sua luta permanente para simplesmente ser e existir no mundo.

No fechamento, cada um pôde expressar com uma palavra o que estava levando daquele momento. Predominantemente, surgiram palavras como alegria, confiança, respeito.



Figura 5. Roda de intenções na aldeia Saco Sacão dos Morcegos.
Fonte: Acervo pessoal.

Durante uma das caminhadas que fizemos por Mirandela, fomos convidados para visitar a Serra do Arrasto. Uma experiência única de vivenciar o lugar e estado de perplexidade pela sua força. E muito atentos à explicação de que essa Serra foi cortada ao meio para servir de passagem entre as aldeias de Mirandela e Marcação, passando pela Lagoa Grande, e que o lugar é fruto da morte de muitos indígenas lutando por suas terras. Rodrigues (2023) nos relata em sua pesquisa que a Serra do Arrasto possui dono de tudo que existe naquele lugar – os encantados – seres extra-humanos que guardam e exigem respeito ao lugar.

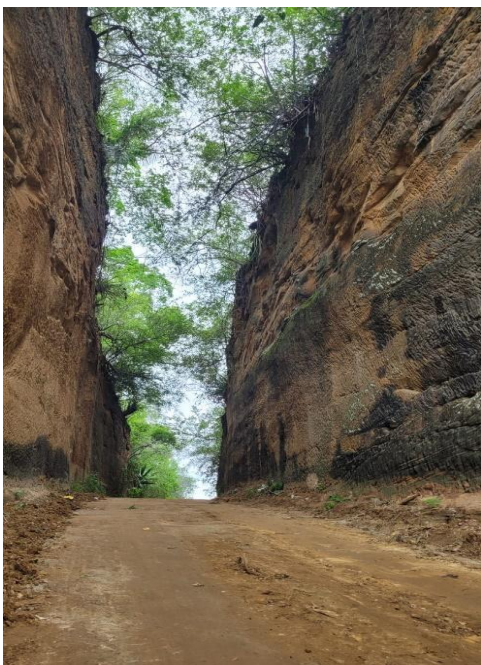


Figura 5. Serra do Arrasto, aldeia Mirandela.
Fonte: Acervo pessoal.

Conclusão

Os Kiriri têm todos os valores essenciais para a vida dessa comunidade indígena, em seu próprio território. Em primeira instância, eles buscam respostas na natureza, nas plantas, e depois no outro. A harmonia está em todo o seu território, com seus saberes, tradições e cultura. Para entrar na

comunidade, peça permissão e tenha consigo os questionamentos: O que eles querem? Como querem? E para que querem? Não se trata de colonização às avessas, mas de respeito aos povos tradicionais e ao povo Kiriri! Não podemos esquecer que tradição e ciência não são excludentes, mas sim complementares, é o lugar de encontro, conversa, iniciação e transmissão de conhecimento.

Referências

Andrade, U. M. (2020). Xamanismo e redes de relações interindígenas: Amazônia e nordeste brasileiro. *Vivência: Revista de Antropologia*, 1(54). <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2019v1n54ID21542>

Benevides, I. A., & Vasconcelos, E. (2001). Viagens pelos caminhos do coração: uma abordagem em verso e prosa sobre as possibilidades e limites do Programa de Saúde da Família. In I. A. Benevides, & E. Vasconcelos Orgs.), *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular em saúde* (pp.169-205). Hucitec.

Brasileiro, S. (2021, janeiro 23). *Kiriri*. [Povos indígenas no Brasil]. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kiriri>

Doimo, A. M. (1995). *A vez e voz popular*. Relume Dumará.

Geertz, C. (1983) *O saber local*. Vozes.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Censo Demográfico 2022*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>

Lévi-Strauss, C. (2008). *O pensamento selvagem* (9ª ed; Trad. Tânia Pellegrini). Papyrus, 2008. (Trabalho original publicado em 1962).

Rodrigues, J. J. S. (2023). *Para o espírito seguir sua viagem": rito fúnebre, corporalidade e pessoa entre os Kiriri* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14032024-120058/pt-br.php>

Silva, A. P. (2014). Saberes tradicionais indígenas nos séculos XVI e XVII. *Raízes e Rumos*, 2(1), 81-155. <https://doi.org/10.9789/2317-7705.2014.v2i1.%p>

Souza, P. D. dos S., Rodrigues, J. J. S., Almeida, F. L., & Souza, Élvia M. F. (2020). The Kiriri of Bahia' "Sertons": discussing documentation, revitalization and language. *Cadernos de Linguística*, 1(3), 01-20. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id234>

Contribuição dos autores: J. E. S. e D. S. R.: Elaboração e delineamento do estudo, análise e interpretação dos dados, redação e revisão final do manuscrito. D. O. G. e C. C. S.: Elaboração e delineamento do estudo, coleta de dados, redação do manuscrito.

Recebido em: 21/06/2024

Aceito em: 06/01/2025

Publicado em:12/03/2025

Editor(a): Eliane Dias de Castro